

MANUEL BANDEIRA, POETA HISTORIADOR: ESTUDO DA APRESENTAÇÃO DA POESIA BRASILEIRA*

Maria Barjute S. A. Bacha
UFMG

Em 1998, Ettore Finazzi-Agrò confessa sua dificuldade em escrever sobre a poesia de Manuel Bandeira. Segundo suas próprias palavras, o estudo que apresenta é de alguém que chega “depois”, no “fim das estradas”, e atribui a dificuldade de elaborar um texto de caráter inovador não só às *características internas da obra (...) mas também [ao] caráter “definitivo” de algumas interpretações da sua poesia(...)*¹

De fato, a poesia de Bandeira conta com um número significativo de ensaios de autores consagrados, como os de Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, com estudos reunidos por Sônia Brayner, Telê Porto Ancona Lopez, M. de Carvalho e Silva, Giulia Lanciani e, recentemente, com o consagrado estudo de Davi Arrigucci Jr. Apesar das divergências de abordagens e de dicção, a voz dessa crítica é unânime ao justificar o seu interesse pela poesia bandeiriana, distinguindo-a como a maior realização do autor.

No entanto, além de exercer o ofício de poeta, Bandeira realizou outras importantes mediações; escreveu ensaios sobre poesia, teoria poética e crítica de arte; redigiu crônicas e fez traduções. Organizou antologias e, também, dedicou-se à prática historiográfica, escrevendo, entre outros títulos, a pouco estudada história da poesia brasileira intitulada *Apresentação da poesia brasileira* e publicada em 1946. Embora a produção em prosa tenha sido significativa e escrita com regularidade, uma vez que está ligada a certos compromissos profissionais, a crítica

* Este texto é parte integrante de um projeto de pesquisa que desenvolvo sobre a obra de Manuel Bandeira.

¹ AGRÓ-FINAZZI, Ettore. "O poeta inoperante - uma leitura de Manuel Bandeira." In: LANCIANI, Giulia (Coord.) *Libertinagem. Estrela da manhã / Manuel Bandeira*: edição crítica. São Paulo: ALLCAXX, 1998. Coleção Archivos. p. 236 -285.

não manifesta grande interesse por esse tipo de texto, pelo menos no que diz respeito a seu estudo específico.

É significativo, portanto, que ela se encontre dispersa e de difícil acesso. A coleção mais completa, os dois volumes de *Poesia e prosa*, da José Aguilar, datada de 1958, além de evidentemente não cobrir toda a produção do autor, é rara. Em 1974, a Aguilar publica o volume *Poesia completa e prosa*, em que, entretanto, a reunião da prosa continua incompleta.

Por outro lado, não se pode falar de um total descaso ou esquecimento.

Um procedimento constante nos textos críticos sobre a poesia de Bandeira tem sido o de recorrer à prosa, principalmente às crônicas e ao *Itinerário de Pasárgada*, para elucidação de questões do texto poético. Um exemplo desse procedimento pode ser constatado em “Três livros de Manuel Bandeira”, ensaio de Joaquim Francisco Coelho.² Um tratamento mais elaborado da relação entre poesia e prosa na obra de Bandeira pode ser encontrado, porém, em Davi Arrigucci, que, em *Humildade, paixão e morte*³, deixa evidente que trabalha com a produção em prosa do autor, não só por tratar do *Itinerário de Pasárgada*, mas por relacionar ensaios e crônicas com a produção poética de Bandeira.

Fica sinalizada, assim, uma coerência interna à obra de Bandeira, que faz com que ela tenha que ser estudada em sua integridade, porque uma forma de expressão não pode ser separada da outra. Em prefácio a *Andorinha, Andorinha*, Carlos Drummond de Andrade já havia chamado atenção para isso, referindo-se ao amigo como *um poeta que nunca deixou de ser um prosador*

² COELHO, Joaquim - Francisco. “Três livros de Manuel Bandeira” In: BRAYNER, Sônia.(Org.) *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980. p 309-339. Coleção Fortuna Crítica.

³ ARRIGUCCI Jr, Davi *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

*seguro e gracioso, e jamais se eximiu de participar da vida de seu tempo e de seu país, pelo exercício simultâneo do lirismo e da razão empenhada em criar, aferir e discutir valores.*⁴

A evidência dessa integridade, por sua vez, nos é dada por Murilo Marcondes de Moura, em ensaio recentemente publicado⁵. Nele, mostra como a relação entre poesia e a crônica de Bandeira funcionam também como uma via de elaboração teórica. Assim, em resposta a um texto crítico de Augusto Frederico Schmidt sobre o poeta, Bandeira faz um poema (“Poema desentranhado de uma prosa de Augusto Frederico Schmidt”), e logo após, uma crônica (“Poema desentranhado”), explicando o poema. Assim se interrelacionam produção poética, prosa e ensaística. E embora o objeto de estudo seja a poesia de Bandeira, Murilo Marcondes de Moura ressalta a necessidade de sua articulação com o estudo da prosa:

*Esse capítulo tem o propósito de delinear ao menos os contornos mais gerais da obra de Manuel Bandeira, e para isso resta reportar-se à prosa do autor, de que o já mencionado Itinerário de Pasárgada é o ponto alto. Suas crônicas (quase todas recolhidas nos volumes Crônicas da Província do Brasil, Flauta de Papel e Andorinha, Andorinha) são importantes não apenas porque permitem surpreender o imaginário e as idiossincrasias do poeta, mas também porque trazem realizações excelentes de um gênero riquíssimo em nossa tradição, sistematicamente praticado pelos maiores autores modernistas. Há, ainda, grande quantidade de ensaios literários, tanto críticos quanto historiográficos, mais a organização de antologias e de obras poéticas que revelam, além do poeta culto, o professor de literatura e o leitor de gosto apurado. Desses trabalhos, merecem destaque De Poetas e de Poesia, Apresentação da Poesia Brasileira, e a Versificação em Língua Portuguesa. Finalmente, cabe referir-se a uma produção variada, como o Guia de Ouro Preto e as críticas de cinema, música e artes plásticas (espalhadas pelos volumes de crônicas indicados acima); a propósito, o intenso diálogo com as outras artes, especialmente com a música, pode ser considerado uma das portas de acesso ao conhecimento mais íntimo da poesia de Bandeira*⁶.

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond “Prefácio” In: BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1986.

⁵ MOURA, Murilo Marcondes de. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Publifolha, 2001. (Série Folha explica).

⁶ MOURA, Murilo Marcondes de. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Publifolha, 2001. (Série Folha explica).

O movimento aqui proposto, entretanto, percorre o mesmo caminho, mas como que ao contrário: uma vez que já foi reconhecida a importância do estudo da prosa de Bandeira para a ampliação dos estudos sobre a sua poesia, trata-se de comprovar a importância dos estudos sobre a poesia de Bandeira para a compreensão de parte de sua prosa, na sua vertente historiográfica. Em outras palavras, trata-se de ler a *Apresentação da poesia brasileira* (1946) relacionando-a não só com a poesia, mas também com outros gêneros de prosa explorados por Bandeira, os ensaios críticos e crônicas.

Reconhecemos, assim, que o poeta historiador Manuel Bandeira foi, a seu modo e ao longo de sua trajetória, construindo uma obra que não é resultante do “mal destino”; sua voz de historiador e poeta não é a de um sujeito que faz “versos como quem chora”, conforme observa Mário de Andrade. Ao contrário, a obra, no seu conjunto, apresenta os requintes de um planejamento arquitetônico: com frequência encontramos textos poéticos que são resultantes da leitura cuidadosa que o historiador fez de nossa literatura. Portanto, reler Bandeira como poeta e historiador significa inaugurar novas possibilidades de leitura, compreender sua obra de um outro jeito, em um outro prisma. Significa questionar a declaração de Ettore Finazzi-Agrò que afirma que é muito difícil ver algo de novo na obra de Manuel Bandeira porque se tem a impressão que já está tudo dito. A leitura da poesia conjugada com a prosa, particularmente com a historiografia, mostra que a obra bandeiriana, conforme os traços arquitetados pelo autor, ainda está por ser lida.

Do trabalho historiográfico de Bandeira, a escolha da *Apresentação da poesia brasileira* é decorrente de razões diversas. A mais evidente é a de que trata-se de uma escrita historiográfica diferenciada. Sua diferença radical consiste em distinguir-se como uma das raras obras da história da poesia brasileira escrita por um poeta. Livre do rigor exigido pela ciência historiográfica, Bandeira explicita as referências que usa, coloca em dúvida o caráter fidedigno de suas fontes,

discute e julga as posições de outros historiadores, questiona a coleta tardia de dados, adota a cronologia como linha ordenadora da produção poética brasileira e, paradoxalmente, expõe as limitações do método que usa; enfim, dessacraliza o fazer historiográfico, revelando os seus bastidores.

Também na composição da obra, o poeta historiador adota procedimentos pouco convencionais: mescla as referências de caráter político e coletivo com questões de ordem privada e individuais, mistura o objetivo com o subjetivo, o ético com o estético, o documental com o ficcional, ao substituir, por exemplo, a biografia de um poeta por versos de caráter autobiográfico. Além disso, analisa, com cuidado extremo, os recursos formais explorados por vários poetas .

Em síntese, o estudo *da Apresentação da poesia brasileira* permite conhecer os bastidores do fazer historiográfico de Bandeira, os critérios que o orientam e a formação de seu cânone.

A pesquisa da fortuna crítica da obra encontrou, como já era esperado, pouquíssimas referências. Nessa perspectiva, é curioso lembrar que, sobre os primeiros leitores, o próprio Bandeira é quem testemunha e relata, em uma passagem do *Itinerário de Pasárgada*, que o interesse de alguns pelo volume restringiu-se ao anseio de verificar a inclusão do nome na história da nossa poesia:

*A minha Apresentação da Poesia Brasileira, escrita especialmente para o Fondo de Cultura do México, editada aqui em 46 e só em 51 na tradução espanhola, é um estudo crítico da evolução da poesia no Brasil, seguido de um breve florilégio ilustrativo daquela evolução. Isso está explicado no prefácio. Pois não faltou quem visse no meu livro, em contrário do que foi minha intenção, uma antologia precedida de prefácio. Se era poeta e não vinha contemplado na antologia(às vezes porque figurava com algum poema transcrito no texto crítico), fazia beicinho.*⁷

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. Vol. II. p.89

Até agora só encontramos duas referências. A primeira é de Otto Maria Carpeaux, que escreve uma “Notícia sobre Manuel Bandeira”, como prefácio à *Apresentação da poesia brasileira*. Sintomaticamente, ao longo do texto, detém-se no comentário a poemas já consagrados do autor e o único aspecto do texto historiográfico que merece a atenção de Carpeaux diz respeito ao fato de o nome do próprio Bandeira não ter sido incluído na história da poesia brasileira.

A outra referência é Antonio Candido. Atento, também, para a inclusão e a exclusão de nomes na nossa historiografia, Antonio Candido escreve uma carta a Manuel Bandeira, em 1946, questionando o critério de seleção utilizado. O poeta historiador responde ao então crítico do jornal *Diário de São Paulo*, explicitando valores que orientam suas escolhas de historiador, suas relações com a tradição, o seu modo de ler e de compor o cânone, o que faz deste texto material importante para nossa discussão.

Em suma, estudar a *Apresentação da poesia brasileira* significa resgatá-la, retirá-la do esquecimento e, considerando o seu valor intrínseco, buscar a sua atualização. No entanto, tendo em vista a afirmativa de que a obra de Bandeira não pode ser estudada em compartimentos estanques, trata-se também de mostrar as relações entre o historiador e o poeta, o ensaísta e o cronista.

Para tal, propomos, num outro movimento do trabalho, uma espécie de exercício de leitura, fazendo-se um recorte da *Apresentação da poesia* e relacionando o texto selecionado com outros tipos de produção do autor. A escolha recai sobre Gonçalves Dias: é para ele que Bandeira reserva maior espaço na sua história e sobre ele dedica uma crônica, “Viagens de Gonçalves Dias”, um ensaio, “Gonçalves Dias: esboço biográfico” e um poema, “O nome em si”.

A análise comparativa dos textos destacados permite compreender como a obra de Manuel Bandeira lê a tradição romântica, encontrando nela procedimentos que ele, como historiador e

poeta, atualiza, ao mesmo tempo que permite investigar e compreender a operação transformadora da matéria historiográfica em criação poética e ensaística.